



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

NATÁLIA MELO FERREIRA

**FESTA DO CRUZEIRO: ENTRE LUGARES, REPRESENTAÇÕES E
IMAGINÁRIO NA SOCIEDADE DO BRAGA, MONTE HOREBE-PB**

**CAJAZEIRAS-PB
2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

NATÁLIA MELO FERREIRA

**FESTA DO CRUZEIRO: ENTRE LUGARES, REPRESENTAÇÕES E
IMAGINÁRIO NA SOCIEDADE DO BRAGA, MONTE HOREBE-PB**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa

**CAJAZEIRAS-PB
2020**

NATÁLIA MELO FERREIRA

**FESTA DO CRUZEIRO: ENTRE LUGARES, REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIO NA
SOCIEDADE DO BRAGA, MONTE HOREBE-PB**

Aprovada em: ____ de _____ de 2020

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa (UFCG)
Orientadora

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa (UFCG)
Examinador

Prof. Ms. Francinaldo de Souza Bandeira (UFCG)
Examinador

Prof. Ms. Isamarc Gonçalves Lôbo (UFCG)
Examinador suplente

Dedico este trabalho a minha bisavó Hermínia Santana (*in memoriam*), que com muita alegria iria contribuir com essa pesquisa, mas antes que fosse possível, Deus a recolheu para o plano superior, deixo registrado meu amor por essa mulher que foi e sempre será minha inspiração de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que é o início meio e fim de tudo, é o meu sustento e foi fonte de renovação quando me encontrei cansada durante esses anos.

À minha Mainha Elza, que sempre lutou para que eu concluísse esse curso e ao meu pai Pedro e irmãos Natanael e Natanailson por todo apoio.

Ao meu esposo Kerly, pela compreensão e incentivo.

À minha orientadora Silvana, pela disponibilidade, paciência e tamanha contribuição para essa pesquisa. Aos meus professores e colegas de curso, alguns chamarei sempre de amigos: Aucilon, Célio, Cícera, Claudivan, Daniela, Fernanda Heloísa, Girlúcia, Juciene, Luiz Ricardo, Paulo Sérgio, Ramon, Suênia, Valdetário e Vanessa – vocês foram aqueles que em algum momento estenderam a mão amiga e me proporcionaram momentos de aprendizado e diversão, levarei cada um na lembrança e no coração, que a vida permita novos encontros e vivências.

À Walter, um irmão que a UFCG me deu, agradeço pelo cuidado, pelas vibrações com as minhas conquistas, pelos partilha de tantos momentos bons e por ser sempre ponto de ânimo e encorajamento.

E por fim à todos aqueles que se dispuseram a contribuir com fotografias, dados e narrativas que foram fundamentais para execução do trabalho.

À todos, meus sinceros agradecimentos. Muito obrigada!

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Nas brumas do passado.

Figura 2 – Igreja da cidade de Monte Horebe-PB.

Figura 3 – Devotos de São Francisco, no Cruzeiro da comunidade do Braga.

Figura 4 – Vista da Comunidade Braga.

Figura 5 – Cruzeiro de São Francisco.

Figura 6 – Jovens festejando na festa do Cruzeiro de São Francisco.

Figura 7 – Moradores de Braga e outras localidades subindo o Cruzeiro de São Francisco em Braga, Monte Horebe-PB.

Figura 8 – Público participando de celebrações no Cruzeiro de São Francisco.

Figura 9 – Festa de São Francisco de Assis na cidade de Monte Horebe – 2018.

Figura 10 – Paróquia São Francisco de Assis da cidade de Monte Horebe.

Figura 11 – Festa de São Francisco de Assis na cidade de Monte Horebe – 2018.

Figura 12 – Paróquia São Francisco de Assis da cidade de Monte Horebe-PB.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender o lugar da Festa do Cruzeiro na comunidade do Braga, no município de Monte Horebe-PB, entre os anos de 1946 a 2000, problematizando as representações desta festa que foi criada por volta de 1946. A Festa do Cruzeiro surgiu a partir da promessa de um senhor chamado Pedro Encreto, morador da comunidade do Braga, que alcançou uma graça suplicada ao santo católico São Francisco de Assis. Buscou-se investigar as transformações das representações e do imaginário da Festa do Cruzeiro da sociedade do Braga. Para tal, foram analisadas fotografias e entrevistas concedidas por moradores da própria comunidade e conseqüentemente frequentadores da festa em questão. Partindo da História Cultural, este trabalho se faz baseada nas perspectivas de CHARTIER (1990), PESAVENTO (1995), ALBUQUERQUE JÚNIOR (2007) entre outros.

Palavras-Chave: Festa do Cruzeiro; Representação; Imaginário; Monte Horebe-PB.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand the place of the Festa do Cruzeiro in the community of Braga, in the municipality of Monte Horebe-PB, between the years 1946 to 2000, questioning the representations of this party that was created around 1946. The Festa do Cruzeiro it arose from the promise of a gentleman named Pedro Enecreto, a resident of the Braga community, who achieved a grace pleaded with the Catholic saint São Francisco e Assis. I seek to investigate the transformations of representations and the imaginary of the Cruise Festival of Braga society. To this end, photographs and interviews will be analyzed by residents of the community and, consequently, visitors to the party in question. Starting from Cultural History, this work is based on the perspectives of CHARTIER (1990), PESAVENTO (1995), ALBUQUERQUE JÚNIOR (2007) among others.

Keywords: Cruise Party; Representation; Imaginary; Monte Horebe-PB.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - A FESTA COMO OBJETO HISTORIOGRÁFICO: REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	14
1.1 FESTAS NÃO RELIGIOSAS E RELIGIOSAS.....	14
1.2 FESTA RELIGIOSA E IMAGINÁRIO DAS CRENÇAS E DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS	16
CAPÍTULO 2 – ENTRE REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO: A FESTA DO CRUZEIRO E A RELIGIOSIDADE DA COMUNIDADE DO BRAGA	18
2.1 TRADIÇÃO, FESTA E FESTIVIDADES DE UMA TRADIÇÃO RELIGIOSA CATÓLICA	18
2.2 FESTA, IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO NA RELIGIOSIDADE DO BRAGA	23
CAPÍTULO 3 – A FESTA DO CRUZEIRO DA COMUNIDADE DO BRAGA NO TEMPO (1946-2000)	25
3.1 O LUGAR DA FESTA DO CRUZEIRO NA SOCIEDADE DE MONTE HOREBE-PB.....	25
3.2 MONTE HOREBE-PB TERRA DE DEVOÇÃO A SÃO FRANCISCO E A FESTA DO CRUZEIRO DO BRAGA: FOTOGRAFIA E HISTÓRIA.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	43

INTRODUÇÃO

Todos os anos desde 1946 a comunidade do Braga na cidade de Monte Horebe-PB vivencia a Festa do Cruzeiro por meio de um conjunto de celebrações e rituais que compõe e caracteriza a festa que homenageia um conhecido santo de devoção dos católicos, São Francisco de Assis.

A comunidade do Braga, como é reconhecida, é uma localidade composta por pequenos agricultores, donas de casa, comerciantes, estudantes e profissionais da saúde e da educação, que somam aproximadamente 1.500 moradores. No entorno, encontramos um modesto posto de saúde, uma escola, uma associação de trabalhadores rurais em não uso e uma capela – a capela de Nossa senhora da Conceição, que demarca a cultura religiosa do lugar. Como religiosos, os moradores cumprem os rituais católicos, a exemplo do mês de Maria, a semana santa e as procissões oferecidas à Nossa Senhora Aparecida. Sua formação social reporta-se aos anos de 1930, estando localizada na Zona Rural do município Monte Horebe, cidade localizada na região Oeste do Estado da Paraíba.

Desde então, o primeiro domingo do mês de maio é uma data esperada e festiva pelos moradores do Braga e vizinhança. É o dia de caminhar até o Cruzeiro de São Francisco, uns para orar, pedir e agradecer, outros para confraternizar, reunir e festejar, mas, todos para participar da “Festa do Cruzeiro”.

O objetivo do presente trabalho foi discutir o lugar que esta festividade, de cunho religioso, ocupa na sociedade do Braga. Logo, parte-se de uma questão que é tentar responder, a partir da história, como um cruzeiro proposto em agradecimento de um devoto de São Francisco transformou-se em a “Festa do Cruzeiro”. Assim, a pesquisa determinou-se à analisar a problemática entre os anos de 1946 a 2000, discutindo a “Festa do Cruzeiro” no espaço das representações e do imaginário no contexto dos anos de 1946 a 2000. Parte-se do entendimento conceitual sobre representações como uma imagem elaborada e construída, isso porque a concepção de representação é delimitada pelo historiador Roger Chartier (1990), como “[...] práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição” (CHARTIER, 1990, p. 23). Diante disso, compreende-se que representar perpassa significar uma realidade baseada em visões, maneiras e escolhas.

A “festa do Cruzeiro” remonta o ano de 1946 e nasce fruto de uma promessa de um morador da localidade, conhecido como Pedro Encreto. Esse fato é contado e recontado pela tradição oral da comunidade do Braga-PB. Assim, atravessa tempos e gerações, por isso, o

presente estudo analisa as transformações ocorridas nessa festa, que com o passar dos anos foi alterando e mudando o cenário em seu redor.

Sabendo que “[...] assim como não há uma História imóvel, também não há uma festa imóvel” (VOUVELLE, 1991, p. 226), a intenção é apresentar e problematizar as mudanças na festa, no entanto, não só isso. Analisa-se aqui as transformações na percepção da festa, ou seja, a transformação do lugar que esta festa ocupa na sociedade em questão. Percebendo como ela deixa de ser um espaço de devoção e religiosidade para ganhar contornos de lazer e diversão.

A proeminente bibliografia existe sobre festas religiosas, na perspectiva historiográfica, atesta a relevância da discussão, mas do ponto de vista da nossa abordagem. Este estudo encaminha-se para contribuir para o engrandecimento da História Local da cidade de Monte Horebe-PB, como uma leitura ou compreensão do cruzeiro e da festa sob a perspectiva historiográfica, mais também de habitante do lugar e, portanto, participante direta ou indiretamente desta história.

Faz-se necessário criar debates e discussões em torno da riqueza e das simbologias da religiosidade e das festas locais, uma vez que ainda não tem nenhuma pesquisa sobre o Cruzeiro de São Francisco. Desse modo, esta pesquisa surgiu com o intuito de promover discussões e contribuir com novas abordagens em torno da temática.

Acredita-se que “[...] a historicidade de toda festa, tem suas circunstâncias transitórias, implicação direta com processos sociais e simbólicos específicos” (CAVALCANTI, 2013, p. 13). Por isso, o estudo se faz a partir do trato de fontes históricas, dimensões sociais e humanas: fotografias e entrevistas.

As fotografias analisadas tratam de cenas e momentos importantes da “Festa do Cruzeiro”. Tais fotografias datam os anos de 1980 e pertencem ao arquivo pessoal de Dalva Cristina Albuquerque, Wellington Leite Cavalcanti e Liliane dos Santos Nascimento, participantes da festa em questão, à quem agradecemos pela disponibilização das mesmas.

Tais fotografias não mostram apenas rituais da festa, uma vez que “[...] a fotografia comunica através de mensagens não verbais, cujo signo constitutivo é a imagem”. (MAUAD apud SOUSA, 2013, p. 41) Através delas, é possível compreender a atuação dos moradores da comunidade do Braga na Festa do Cruzeiro, suas experiências e os significados atribuídos a festa. Pode e deve ler o dito na intenção do momento e o não dito, o não intencional ou o que ela sugere ou revela pois “[...] a fotografia deve ser considerada como produto social. Numa sociedade coexistem e se articulam múltiplos códigos e níveis de codificação que fornecem o significado ao universo dessa mesma sociedade”. (SOUSA, 2013, p. 41). Desse modo, as

fotografias enquanto fontes históricas são carregadas de sentidos, símbolos e representações da realidade e do seu contexto.

No que diz respeito às narrativas sobre a “festa do Cruzeiro”, serão fundamentais as interpretações de entrevistas, que aconteceram com Francisco José de Sousa (75 anos), Maria Santana de Melo (69 anos) Maria Elza Melo de Sousa (47 anos) e Wellington Leite Cavalcanti (28 anos) moradores da comunidade do Braga e frequentadores da “Festa do Cruzeiro”, em períodos de tempos diferentes, entre 1946 e 2000. Também a eles agradecemos a coparticipação neste trabalho como depoentes, testemunhos ou informantes, qualquer que seja o termo, sem eles não construiríamos esta história como apresenta-se aqui.

Nesse sentido, compreende-se que “[...] a História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a "histórias dentro da história" e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”. (ALBERT, 2008, p. 155). Com isso, essas entrevistas abrem caminhos para compreender as diversas versões e interpretações acerca da “Festa do Cruzeiro”, pois, foram entrevistados sujeitos de gerações diferentes, que conseqüentemente viveram e percebem a “Festa do Cruzeiro” de forma diferente.

Como forma de apresentação o trabalho, está disposto em três capítulos, a saber: O primeiro capítulo intitulado “**Festa do Cruzeiro: reflexões historiográficas**”, traz uma discussão sobre festa enquanto objeto de interesse do historiador e da história, discutindo e apresentando a importância da renovação dos estudos na historiografia. A partir disso, foi feita uma apresentação, em linhas gerais, da “Festa do Cruzeiro”.

O segundo capítulo “**Entre representação e imaginário, a Festa do Cruzeiro**”, apresenta uma problematização da Festa do Cruzeiro enquanto representação e imaginário, buscando compreender as representações existentes sobre a festa e como ela está presente no imaginário da população da comunidade do Braga.

Por fim, o terceiro capítulo “**A Festa do Cruzeiro no tempo na Comunidade do Braga no tempo (1946-2000)**”, discute os indícios que mostram as transformações na “Festa do Cruzeiro” ao longo do tempo, especificando o período entre 1946 e 2000, analisando quais são essas mudanças e como elas transformam o lugar e o significado da festa para a comunidade e seus habitantes. Para este capítulo, contamos especialmente com as falas e narrativas daqueles que vivenciaram em tempos diferentes e de modos diferentes a festa, ou seja, moradores, fiéis e frequentadores.

Portanto, o objetivo de abordar um tema do campo da cultura e tradição religiosa católica de Monte Horebe-PB, é discutir questões associadas à cultura e ao cotidiano das pessoas. Isso possibilita refletir e compreender-se, também, agentes deste processo já que a

festa é feita pela sociedade e pelos indivíduos sociais. A intenção de construir debates e problematizações é o que motiva a presente escolha do tema e, assim, contribuir para a História local e social da comunidade do Braga e da cidade de Monte Horebe, na Paraíba.

CAPÍTULO 1 - A FESTA COMO OBJETO HISTORIOGRÁFICO: REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS



Figura 1: Nas brumas do passado. A Festa do Cruzeiro na comunidade do Braga, em Monte Horebe-PB. Foto da década de 1980.

1.1 FESTAS NÃO RELIGIOSAS E RELIGIOSAS

Com a imagem acima, apresenta-se a festa religiosa do Cruzeiro da Comunidade do Braga. Pode-se ter a ideia de festa ligada meramente a sua natureza de atividade de distração e de lazer, o que de fato o é, no entanto, “[...] as festas não são eventos soltos no tempo e no espaço: ao contrário, os seus vínculos espaciais e temporais são profundos, como visto” (ANNA, 2013, p. 22). Sendo assim, a festa é um produto das relações sociais, humanas e culturais, sendo reflexo da forma como as pessoas vivem, significam e ocupam o espaço social. Em outras palavras, a festa tem história.

Compreende-se que a festa é uma manifestação religiosa e, assim sendo, “[...] não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação” (COUTO, 2008, p. 2). Por isso, lida com o tempo sagrado e ao mesmo tempo com o tempo humano, que pode ser caracterizado como o tempo profano.

Ao problematizar a festa como objeto historiográfico é importante pontuar que “[...] por muito tempo os historiadores ignoraram as manifestações festivas. Somente as comemorações cívicas ou as datas consideradas significativas para a história da Nação mereciam alguma menção” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 134). Por muito tempo, as festas religiosas foram desconsideradas e tiveram sua relevância, enquanto objeto de estudo, ignorada.

No Brasil o interesse historiográfico por festas é muito recente.

A partir da importância dada pela historiografia marxista inglesa dos anos cinquenta e sessenta em diante, a historiografia brasileira descobre o caráter político das manifestações culturais populares, encontrando nas festas populares não apenas rituais que encenam e simbolizam as relações sociais que norteiam a vida destes personagens, como também serão consideradas como expressões de formas de ver o mundo, como expressões de valores, costumes, formas de pensar e ver que estão em conflito com o que seria a mentalidade, o imaginário ou a ideologia dominante. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 143).

Assim, no Brasil a festa desponta como temática de interesse e digna de pesquisa entre os anos 50 e 60, sob a influência da chamada historiografia marxista inglesa, que chama atenção para o caráter social, criativo e dinâmico da festa, sendo que essas especificidades possuem um caráter político, cultural e social revelador do imaginário de uma sociedade.

A partir disso, passa-se a compreender que “[...] as festas seriam momentos de ritualização e encenação das identidades sociais antagônicas, dos universos culturais apartados e em confronto que estruturariam a própria sociedade”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 142). Com isso, registra-se transformações de entendimento a respeito da festa.

Houve, assim, uma mudança no olhar e na interpretação, em que os pesquisadores passaram a entender as festas como espaços “[...] significativos para a recuperação da própria participação dos agentes populares na vida social, na estruturação do cotidiano e para a percepção da atuação política dos agentes populares que nem sempre se regeriam pela dimensão institucional”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 142). Desse modo, a festa passa a ser entendida como um evento de significados sociais múltiplos.

No campo das festas, é possível enxergar a experiência de sujeitos que muitas vezes ficam ausentes em lugares ou escritos ditos oficiais e/ou institucionais. Assim, pesquisar festas tornou-se também uma oportunidade de fazer uma história de baixo no que ela significa de inclusão das pessoas comuns, dos populares.

Foi também no campo da chamada História Cultural que observou-se a contribuição de forma significativa para tornar a festa um tema pertinente para a historiografia, uma vez que

“[...] a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social e construída, pensada, dada a ler. (CHARTIER, 1990, p. 17). Nesse sentido, a História Cultural compreende a festa como uma forma de significar realidades e como uma manifestação cultural e social carregada de vivências e significados sociais.

Compreende-se que, “[...] as festas são frestas por onde se pode ver, observar, enxergar, o universo da cultura popular, a vida das camadas populares, seus rituais e ritmos de vida, suas práticas e os significados que elas teriam para eles”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 143). Assim sendo, apresenta-se uma realidade múltipla e diversa na esfera social e cultural.

Pesquisar festa pode ser uma oportunidade que o pesquisador tem de acessar um universo social e cultural de sentidos, representações e imaginário. Por tudo isso, pesquisar festa é observar por frestas, seguindo indícios e desafiando certezas.

1.2 FESTA RELIGIOSA E IMAGINÁRIO DAS CRENÇAS E DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS

A ideia e a prática do festejar é um campo de relações múltiplas. A festa é o “[...] momento de verdade em que um grupo ou uma coletividade projeta simbolicamente sua representação de mundo e até filtra metaforicamente todas as suas tensões” (VOVELLE, 1991, p. 247), sendo este um domínio genuinamente social, cultural e, sobretudo, humano.

O alvorecer e o acontecer de uma festa desperta e agrega uma série de símbolos e sentidos sociais. Antes de sua concretude a festa é uma ideia e uma criação mental, por isso, é importante discutir a ideia de festa atrelada ao conceito de imaginário, não de forma isolada, mas, em proximidade com o de representação. Isso deve-se ao fato que:

o imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer (PESAVENTO, 1995, p. 24).

Na perspectiva de Pesavento, imaginário é um conceito múltiplo e também é formado de representação. Nessa direção, o imaginário transita entre verdade e aparência, o que torna sua investigação e compreensão algo desafiador que para a pesquisadora é como revelar segredos e se aventurar na instigante busca do oculto com o objetivo de desmontar e desvelar o jogo de representação entre ser e parecer.

Dito isso, considera-se fundamental falar em representação e imaginário na abordagem da “Festa do Cruzeiro” do Braga e, para tanto, precisamos de algumas considerações teóricas já que festa enquanto objeto de pesquisa é uma realidade relativamente recente no campo historiográfico. Nesse sentido, é fundamental considerarmos o que fala o autor Durval Muniz:

Durante muito tempo as festas não interessaram à historiografia, que tratava da história da classe trabalhadora, do mundo do trabalho, do movimento operário ou dos movimentos sociais, já que a atividade festiva era vista, no máximo, como momento de divertimento, de lazer, quando não de alienação e de cooptação do trabalhador, momentos de distanciamento e de afastamento da luta por seus verdadeiros interesses. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 142-143).

A historiografia se faz através de escolhas, movidas por interesses e anseios de pesquisa. A partir da assertiva de Durval Muniz, pode-se perceber que a temática da festa foi ignorada por tendências historiográficas que reduzia seu campo de pesquisa a economia e sociedade, privilegiando o mundo do trabalho e as lutas de classes. Diante disso, a festa era vista como um desvio que alienava o trabalhador e distanciava das lutas, por isso, não era interesse desse historiador pesquisar sobre festas. Estas não eram vistas como realidades ricas e impregnadas de sentido social.

No ato de festejar se fazem presentes aspectos subjetivos, pois, as festas religiosas é uma realidade cultural que além de contribuir para a elaboração identitária da sociedade que festeja, estabelece um sentimento de pertença social, já que “[...] as culturas nacionais contribuem para costurar as diferenças numa única identidade” (HALL, 1999, p. 77). Sendo assim, a festa é produto e consequência, em um movimento de influenciar e ser influenciada pelo tecido social. A sociedade que promove e participa da festa, também cria e recria através do imaginário, dos sentidos e da memória que a população guarda e resguarda desse evento, tudo isso influencia os modos como as festas se reelaboram a cada nova festa e contribui para a identidade do povo.

Vale lembrar que, “[...] os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência a onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo” (HALBWACHS, 2009, p. 71). Fato que merece atenção quando se pensa sobre festas. Nesse capítulo, a intenção foi colocar a questão da festa como objeto de estudo, assim, pensa-se que tem muitas festas na sociedade e em todo o Brasil, diversas e múltiplas. Mas, a intenção do presente trabalho é pensar uma festa religiosa localizada na Comunidade do Braga-PB.

CAPÍTULO 2 – ENTRE REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO: A FESTA DO CRUZEIRO E A RELIGIOSIDADE DA COMUNIDADE DO BRAGA



Figura 2: Igreja da cidade de Monte Horebe – (Foto: Arquivo da Paróquia)

2.1 TRADIÇÃO, FESTA E FESTIVIDADES DE UMA TRADIÇÃO RELIGIOSA CATÓLICA

No interior da Paraíba pode-se encontrar comunidades de forte religiosidade, um catolicismo popular baseado na fé em muitos santos da Igreja Católica e na fé em Jesus Cristo e sua mãe Maria de Nazaré, em Monte Horebe a expressão religiosa católica se constituiu a partir do padroado da Igreja de São Francisco de Assis, como é possível ver na fotografia acima. Tal religiosidade rituais de adoração como festas, procissões e missas como forma de prática de uma fé viva na sociedade do interior da Paraíba, pode-se encontrar comunidades de forte religiosidade, um catolicismo popular baseado na fé em muitos santos da Igreja católica.

A “Festa do Cruzeiro” notadamente filia-se a essa tradição da religiosidade popular que foi mencionada acima, geradora de uma cultura de sociabilidades na comunidade do Braga, povoado que constitui-se como território da cidade de Monte Horebe-PB. Braga foi em sua história construída por sujeitos ligados à terra e agricultura, comunidade de pessoas simples e de grande expressividade de uma religiosidade católica que acabou moldando e construindo sentidos na vida de todos os habitantes da Comunidade do Braga e de sítios vizinhos, com passar dos anos.

Mas o que é a Festa do Cruzeiro? Pode-se dizer que esta festa é algo marcante na vida dessa sociedade local, acontece na contemporaneidade e liga-se a todo um conjunto de motivos arraigados em um tempo pretérito, nesse sentido, é importante destacar que o ato de festejar e de organizar-se em torno de eventos ligados à igreja católica é uma prática colonial que renova-se na contemporaneidade.

No Brasil colonial, a festa religiosa surgiu da necessidade de socialização e de atender as conveniências da igreja, com o passar dos anos elas conservam alguns princípios e renovam outros. Além disso, “[...] a reunião religiosa implicava a possibilidade de comércio, de feiras, provedoras de gêneros trocados roceiros e escravos. (KANTOR e JANCSÓ, 2001, p. 462). Motivos que transcendem a esfera religiosa.

Por estas influências e raízes, é possível pensar a “Festa do Cruzeiro” como uma tradição. Quando refere-se à tradição, considera-se pertinente a perspectiva de Hobsbawm ao pontuar que “a ‘tradição’ neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionalis”.

O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade” (HOBSBAWM, 1984, p. 17). De acordo com essa aferição, percebe-se que a tradição e costume precisam serem diferenciados para uma melhor compreensão, mas, o mais importante é não pensar a tradição como realidade estática e imutável, seu caráter de conservar e repetir “[...] não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente”. (HOBSBAWM, 1984, p. 17). É fundamental pensar isso para não cair em contradição.

Tradição está marcado pelo caráter da invariabilidade, já o costume opera inovações e resistência. “[...] As tradições, afinal, como todos os elementos das culturas, são parte dos repertórios gestuais e simbólicos disponibilizados para diferentes sujeitos pelo hábito e pelas linguagens conhecidas”. (KANTOR e JANCSÓ, 2001, p. 462). Por isso, fica claro que a razão de ser da festa está fincada em um passado distante cronologicamente, mas, que vive impregnado no tempo presente desta cidade.

As festas religiosas no Brasil surgem em comunidades grandemente católicas marcadas por sentimentos de devoção forte, na qual a religião católica tinha um papel muito grande e que substituía muitas carências, por isso, “[...] a semelhança nas práticas de devoção não é, certamente, mera coincidência, mas uma viagem das tradições no tempo, um deslocamento que adquire novas configurações e recriações (NASCIMENTO e PAULA, 2011, p. 20). São questões do presente com raízes no pretérito.

As festas “[...] se traduzem a cada momento, adquirindo significados novos em diferentes temporalidades, situações, lugares e dependendo de quem as mobilize para expressar seus próprios valores”. (KANTOR e JANCSÓ, 2001, p. 70). Articuladas à uma rede de sentidos e elementos que ultrapassam os extremos da religião e de festas rotineiras – eles se relacionam a todos os âmbitos da sociedade.

É o que acontece com a economia local quando, em tempos de festa do cruzeiro, há uma movimentação e circulação de bens e serviços, ou seja, muda a economia no período da festa, o movimento das romarias beneficia o comércio e os serviços. Essa festa vai muito além dos domínios materiais da economia, refletindo implicações de pensamento cultural e ideológico do Braga, ou seja, integra a cultura, o imaginário e a forma de ser e de agir das pessoas. A festa traz sentidos e elementos para o cotidiano dos moradores. É um evento de grandes proporções e de grande representatividade junto ao povo à lógica de vivência pois a festa ela já se tornou elemento configurado da comunidade em questão.

A festa religiosa, em si, é um momento de partilha, de encontro e de comunhão realizada pelo público frequentador, mas que seus alicerces são profundos e distantes no tempo e no espaço, mais atrelados ao presente por elementos da cultura e da tradição.

As festas não são eventos soltos no tempo e no espaço: ao contrário, os seus vínculos espaciais e temporais são profundos, como visto. A festa é um fenômeno sociocultural indissociável da história, da economia, das relações de poder e da organização das sociedades humanas. Recomenda-se, inclusive, que seja abordada como um “fato social total”, o que implica enfatizar seu aspecto coletivo, identificar crenças e práticas sociais dos grupos envolvidos na celebração, bem como os processos políticos, culturais (incluindo aqui os religiosos), sociais e econômicos que a atravessam (ANNA, 2013, p. 22).

Assim, mesmo estando inserido no cotidiano Moderno, festas religiosas são eventos que não podem ser compreendidos sem examinar suas raízes em determinadas épocas. Esses eventos são historicamente e culturalmente localizados e seus contornos transformam-se e reinventam-se, porém, preservando seus cernes frente às passagens temporais.

A “festa do Cruzeiro” do Braga ganhou muitos contornos e sentidos ao passar do tempo, ultrapassando os limites de uma festa simples e rotineira, ela representa a cultura, a sociedade, a fé e diz das sociabilidades de Braga e do seu entorno. A cada ano que atrai mais gente, não é mais uma repetição de ritos, mas, sim, uma realização de um dever e de uma necessidade que cumpre a tarefa de representar o povo daquela comunidade, é uma forma de mostrar-se para ela mesma. Uma vez que a festa não é um elemento aleatório, e sim, a própria manifestação de elementos sócias e afetivos da cidade, a festa mobiliza, programa e age na vida dos locais.

Convém pensar esse evento dentro de uma lógica cultural, o que leva a pensar seu lugar dentro das vivências humanas, especificamente dentro do modo de vida da sociedade do Braga. Assim, de diversas formas a festa é influenciada e influencia o modo de vida e ser da cidade, envolvendo símbolos que denotam a identidade coletiva de uma sociedade e nascem da relação com o passado que o grupo que os produziu possui (HOBSBAWM, 1984, p. 19). Seria limitado estabelecer uma compreensão desse evento apenas no extremo religioso.

As festas religiosas, como fenômeno cultural, têm sido redescobertas e revitalizadas como um fértil campo de investigação histórica, transcendendo sua visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva (JUKEVICAS, 2005, p. 74).

Nessa perspectiva, a festa do um terreno múltiplo e fértil para ser pensado a partir das vertentes culturais e históricas. Na verdade, são muitos os elementos que a constituem enquanto evento, aspectos culturais, sociais, humanos e geográficos.

Essa festa como espaço cultural é infinda:

A festa é um universal da cultura, estando entre as manifestações que mais produzem o “próprio do homem” – alegria, euforia, escárnio, riso – e aparecendo com nuances de uma sociedade para outra segundo a intensidade, a variedade e a importância atribuída, ou seja, segundo o “lugar” que lhe é reservado em cada contexto e época. De tão diversa, ela dificulta sua apreensão em um conceito inequívoco e, como outros aspectos e comportamentos humanos, somente se têm produzido teorias provisórias ou muito parciais. Festas são realidades mais ou menos paralelas à rotina da vida, representando a alteridade do mundo ordinário e previsível (CAVALCANTI, 2013, p. 66).

A festa influencia e ajuda a moldar de alguma forma o sujeito, seja em suas profecias quanto a associação dos elementos da festa como a própria bandeira e seu curso no momento de elevação e sua relação com o período de chuvas ou com a própria identificação religiosa, como a festa auxilia na produção de subjetividades.

O alvorecer da “Festa do Cruzeiro” reflete na dimensão pública e restrita dos moradores de Braga, desde as particularidades do seu cotidiano vida até as sociabilidades coletivas e grupais. Dessa forma, a Festa ajuda a formar socialmente, culturalmente e religiosamente o homem. Essa relação é recíproca, uma vez que a Festa também é influenciada pelo cidadão do Braga.

A festa se faz no tempo através do movimento de pessoas que a ela recorrem, atraindo muitas dessas pessoas principalmente pagadores de promessas, os chamados romeiros. As ações de pagar promessas são rituais importantes, com grande destaque na vida dos católicos. O que a torna uma festa de Braga mais, também, de outros lugares e pessoas a festa extrapola as fronteiras geográfica.

Os fiéis participantes e perpetuadores da festa, moradores e visitantes do Braga, possuem referenciais diversos, ou seja, modos de vida, de pensamento distintos, mas que, no momento da festa, convivem em relativa homogeneidade.

A “Festa do Cruzeiro” é constituída pelo ritual de missa de abertura e de encerramento, o levantamento da bandeira do santo São Francisco de Assis e as tradicionais romarias e procissões de fiéis. Não só a abertura da festa, mas, todos os esses rituais que a envolvem e os elementos religiosos e culturais que a cercam estão carregados de significados para a população e para a sociedade em geral, em uma relação de criação e influência múltipla de elementos e referenciais.

A festa constrói referenciais para os sujeitos, ao passo que eles também constroem símbolos para ela em uma relação mútua de criação e influência. “É natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tenda, por conveniência e para maior eficiência, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume” (HOBSCAWM, 1984, p. 11).

As festas religiosas:

Em suas distintas formas, guardam a particularidade de serem produzidas e usufruídas coletivamente e de representarem sempre expedientes sociais extraordinários, mesmo que em graus muito diversos. Quando isso não ocorre, diz-se, a festa não é boa ou não há festa. Observando-as em perspectiva, algumas das manifestações assim denominadas não passam de modestas confraternizações sociais, discretas comemorações de grupos exclusivos, enquanto outras atingem com todo vigor o pico da referida excepcionalidade festiva e massiva. (CAVALCANTI, 2013, p. 68).

Nesse sentido, as apropriações da festa são diversas para cada um. Os sujeitos sentem e vêm o fazer festivo de maneiras diferentes, que variam de seu lugar na comunidade e seu grau de identificação com a representação valorosa. Em poucas palavras, “[...] elas são reações a

situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória” (HOBSBAWM, 1984, p. 10).

Esse festejar mistura a fé de um povo e a tradição de uma sociedade. Destacando que, “[...] a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes” (GIDDENS, 1990, p. 38). Qualificar a festa como tradição pressupõe a observação de um acontecimento que atravessa noções de tempo e de espaço, marcada pela experiência vivenciada na cidade em questão e em seus habitantes.

a tradição não é mais vista pelas ciências sociais como uma coisa arcaica, mas como aprendizagem, reapropriação. Na medida em que as sociedades se modernizam, a tradição aparece para suportar a mudança social, pois nenhuma sociedade muda radicalmente, sendo que cada fase de mudança possui também estabilidade. (ANDRADE, 2009, p. 34)

A experiência alimenta essa tradição e é essa significação que confere símbolos e acrescenta elementos a essa festa, sendo uma das razões pelas quais esse momento não perdeu-se nas brumas do tempo, na comunidade em questão.

2.2 FESTA, IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO NA RELIGIOSIDADE DO BRAGA

Inicialmente é importante afirmar que o conceito de representação de Chartier será uma categoria explicativa cara à esta pesquisa, por isso é necessário saber que “[...] as representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas”. (CARVALHO, 2005, p. 149). Assim, é imprescindível destacar a capacidade de criação e de construção das representações, que colocam-se como discursos interessados e perpassados por estratégias com o objetivo de legitimar espaços e realidades.

As representações são abrangentes e “[...] permitem também avaliar o ser-percebido que um indivíduo ou grupo constroem e propõem para si mesmos e para os outros”. (CARVALHO, 2005, p. 151). Desse modo, as representações contribuem para a construção de uma imagem de si e dos outros no campo social.

As festas religiosas agregam diversas representações. A Festa do Cruzeiro é uma festividade de cunho religioso do catolicismo, que atravessa tempos e gerações na comunidade do Braga. “Toda festa religiosa é um evento sagrado, baseado no tempo mitológico, no qual os participantes se tornam contemporâneos do acontecimento mítico” (ELIADE apud COUTO,

2008, p. 3). No primeiro domingo de maio, anualmente, os devotos de São Francisco participam e “revivem” a glória do santo.

É fundamental compreender que o campo prático dessas representações leva a constatar a importância dessa festa dentro do cotidiano da sociedade, já que foi instituído um período, ou seja, um tempo determinado para o acontecimento da festa.

A festa reúne grande número de devotos do santo, onde “[...] o fiel evoca e recria o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação” (COUTO, 2008, p. 2). Por meio dessa perspectiva, entende-se que os participantes da “Festa do Cruzeiro” preferencialmente atualizam o poder de intercessão de São Francisco junto ao Deus maior, Jesus e promovem o exercício da gratidão. Mas, talvez seus participantes não intencionem só isso, no próximo capítulo pensamos responder algumas destas questões.

CAPÍTULO 3 – A FESTA DO CRUZEIRO DA COMUNIDADE DO BRAGA NO TEMPO (1946-2000)



Figura 3: Devotos de São Francisco, no Cruzeiro da comunidade do Braga. Foto: Liliane dos Santos Nascimento.

3.1 O LUGAR DA FESTA DO CRUZEIRO NA SOCIEDADE DE MONTE HOREBE-PB

Na Zona Rural do município de Monte Horebe, cidade localizada na região Oeste do Estado da Paraíba, está localizada a comunidade do Braga, uma terra de muita religiosidade, especialmente da tradição cristã católica, como já fora mencionado nos capítulos anteriores. Nesse espaço, tem destaque a conhecida Festa do Cruzeiro da Comunidade do Braga, objeto particular dessa abordagem, para falar da importância desse ambiente, ou seja, o Cruzeiro que deu lugar a festa, nada mais representativa do que a foto acima, de uma família que deslocou-se até aquele espaço em um dia comum, para agradecer e pagar as graças suplicadas à São

Francisco de Assis. Na imagem abaixo podemos ver sob perspectiva a comunidade do Braga, lugar de fé e devoção.



Figura 4 – Vista parcial da Comunidade do Braga. Foto: Washington Cavalcante de Lucena.

A festa do Cruzeiro de Braga atravessa gerações. Segundo os moradores da comunidade, tudo começou quando foi cravado no meio de uma mata o cruzeiro, foi criado por volta de 1946, como resultado de uma promessa de um sujeito humilde, conhecido como Pedro Encreto, agricultor e morador da região, localidade que fica entre a comunidade do Braga e o local que se instalou o cruzeiro. Maria Elza Melo de Sousa, moradora da localidade descreve o surgimento da festa:

Porque nos Oitis morava um véi, um senhor que chamava o nome dele ... era ... Pedro Encreto, aí um dia ele adoeceu ... cheio de ferida, um monte de ferida, feridas assim, “laigando” o couro mesmo, aí ele, levaram pra rua ... fizeram remédio em casa e ele não ficou bom. Aí depois dos Oitis, tem lá uma pedras muito bonitas, umas locas de pedra, assim bem bonito lá no cruzeiro, aí ele disse assim, com a mulher dele: que ia fazer uma promessa com São Francisco, se ele ficasse bom daquelas feridas, ele ia fazer uma estradinha pra lá, ia fazer uma capelinha e botar São Francisco dentro e fazer um cruzeiro, todo ano ele ia pagar essa promessa, fazer uma festa né!? Todo ano no dia 3 de maio ... ele fazia essa festa, até quando ele morreu e ainda hoje tá acontecendo. Aí ele ficou bom, minha filha, dessas feridas, aí quando foi no dia, aí ele marcou a festa pra o dia 03 de maio, todo dia 03 de maio é essa festa lá ... aí ele ficou bom das feridas e pronto ficou fazendo essa promessa e pediu pra quando ele morrer os que ficar, os filhos, a família continuar fazendo. (MARIA ELZA MELO DE SOUSA).

Assim, nos tempos iniciais a referida festa está ligada à uma promessa. O senhor Pedro Enecreto tendo alcançada uma graça que tinha suplicado ao santo católico São Francisco de Assis, ofereceu-lhe como pagamento da prece um cruzeiro no topo de uma das serras mais altas que circundam a região, lugar próximo de sua morado, aproximando assim a sua devoção ao santo. O cruzeiro fica localizado a aproximadamente 700 metros de altitude. Uma promessa ela não revela apenas a fé, ela revela também a necessidade, a carência e a falta de assistência na saúde para com a população, então muitos deles viam como solução recorrer aos seus santos de proteção, se hoje a comunidade do Braga tem um posto de saúde, em décadas anteriores não, mas continuemos a falar do cruzeiro e da festa.

O Cruzeiro de São Francisco, local da festa, localiza-se até o presente tempo em um topo de uma pedra, onde foi fincada uma vistosa cruz, como mostra a fotografia abaixo.

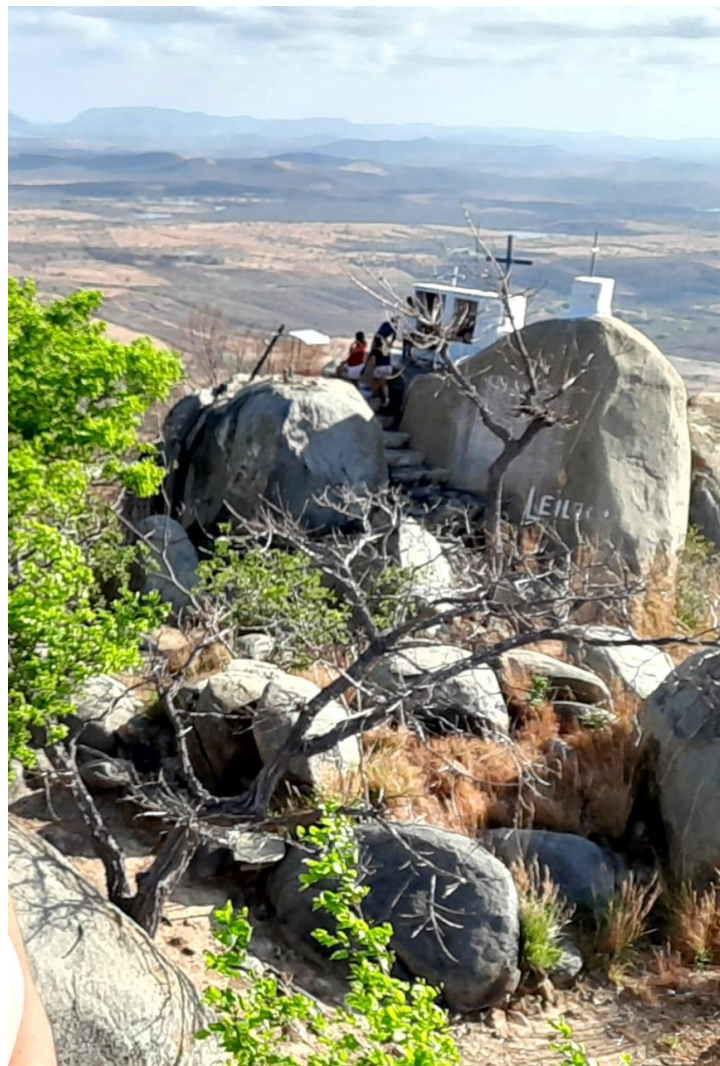


Foto 5: Vista do Cruzeiro. Foto: Liliane dos Santos Nascimento.

É nesse espaço que os fiéis se ajoelham para fazerem suas preces, orações e agradecimentos, assim como para depositar seus ex-votos e cumprir o pacto estabelecido com o santo através da promessa. Em volta do cruzeiro, é fácil encontrar peças de madeira simbolizando joelhos, braços, cabeças que são levadas como representação da cura da enfermidade de partes do corpo dos devotos do Santo, os ex-votos



Figura 6 – Cruzeiro de São Francisco. Foto: Acervo de Jeniffer Dantas da Costa.

A maioria das pessoas que frequentam o local, a exemplo dos que acima se apresentam na fotografia, são devotos de São Francisco de Assis que se dizem agradecidos por bênçãos e promessas alcançadas. o povo não deixa de ir não, todo ano vai alguém diferente, aí uns vai dizendo aos outros né!? ... quem não vai em um ano, vai no outro, e assim não se acaba nunca não. (MARIA ELZA MELO DE SOUSA), assim, como comprova a fala de Maria Elza, a festa ela foi se fazendo ao longo do tempo, à medida que se tornava conhecida de mais gente, que a divulgavam.

Quando das visitas informais que fazia como devota ao alto do cruzeiro e durante a festa, ouvia histórias de devoção e de gratidão, contadas com entusiasmo por indivíduos que distribuem gratuitamente, entre os frequentadores do cruzeiro, balas, picolés e salgados, como pagamento das benções recebidas por intercessão do santo, uma ação pouco usual em tempos atuais, mas que combina com o sentido atribuído ao dar e receber. Estes são elementos que não foram programados pela paróquia local e nem tão pouco por algum padre. Na fotografia abaixo pode-se ver uma reunião de jovens expressando alegria e contentamento pela presença no cruzeiro.



Figura 7 – Jovens festejando na festa Do Cruzeiro de São Francisco. Foto: Acervo de Jeniffer Dantas da Costa.

A imagem destaca a expressão de contentamento das pessoas diante do alto do cruzeiro e das possibilidades de sociabilidade que o momento de visitas apresenta. Cabe destacar que a “festa do Cruzeiro” em Braga vai muito além de um acontecimento coordenado por uma organização eclesiástica, como parte das festas religiosas. As festas religiosas oficiais são mais características da tradição dos sacramentos a exemplo das festas dos santos padroeiros.

embora as autoridades eclesiásticas locais emitam frequentemente restrições ao modo de festejar local, pode-se perceber que para seus atores não existe tensão entre a experiência festiva eclesiástica/oficial e laica, sendo ambas acionadas em contextos específicos (CHIANCA, 2007, p. 51)

Partindo dessa perspectiva, salta ao entendimento o caráter múltiplo, dinâmico e o grau de autonomia que esta festa religiosa adquiriu frente as demais festas coordenadas pela oficialidade católica. Nesta “festa do Cruzeiro” do Braga vê-se tornar possível a convivência do oficial com o não oficial, em outras palavras, o festejar é muito mais que planejamento, indo além de rituais planejados e os próprios fiéis se encarregaram de fazer a festa crescer, chamando uns aos outros e de atrair cada vez mais gente para vivenciarem experiências nesse dia.



Figura 8– Subida ao Cruzeiro de São Francisco em Braga, Monte Horebe-PB. Foto: Acervo de Jeniffer Dantas da Costa.

Na fotografia acima, podemos ver um frequentador com uma arma de fogo tipo rifle, este fará parte do cerimonial da festa, o que caracteriza que a festa comporta o múltiplo – a cena fazia parte de um ritual de homenagens prestadas por policiais aposentados, que sobem ao cruzeiro e posicionados paralelamente seguem disparando suas armas em direção ao céu, chamando atenção dos presentes. Tradicionalmente, o início dos festejos e dos rituais da festa

que realiza-se no primeiro domingo do mês de maio, incluem essas alvoradas de tiros e apresentações culturais e isso mostra que a referida festa é constituída de elementos culturais e não apenas religiosos, situação que é um convite aos jovens para frequentarem a festa.

A Festa do Cruzeiro em Braga, reúne centenas de pessoas todos os anos, mais precisamente todo primeiro domingo do mês de maio, no Cruzeiro de São Francisco, espaço de oração e oferendas, nesse sentido é importante destacar que “[...] a festa figura para o indivíduo, para a sua memória e para o seu desejo, o tempo das emoções intensas e da metamorfose do seu ser” (CALLOIS, 1988, p. 96). Sendo, assim momentos singulares, de sentimentos e interpretações subjetivas individuais. “Lá a gente sobe naquelas pedreiras uma vista muito linda e aquela banda “cabaçal” muito bonitinha que tocava”. (MARIA SANTANA DE MELO) Rememora com saudade Maria Santana, moradora do Braga que já participou muitos anos da festa e para quem a atividade musical era importante.

Muitos fiéis chegam ao Cruzeiro de São Francisco de Assis em Braga, Monte Horebe-PB inseridos em procissões e romarias, por isso cabe lembrar que:

a romaria não é uma simples reunião ocasional de indivíduos que participam numa mesma visão de mundo. A sua própria existência e mais ainda a sua organização passam – e através de múltiplas transformações históricas sempre passaram – pelas instâncias de um organismo religioso regulador. (SANCHIS, 1992, p. 97).

Pode-se considerar a visão da autora, quando pensa-se que o organismo religioso, ou a fé católica é quem regulariza, mas, a caminhada em procissão ao Cruzeiro é feita pelos moradores e adquire características de festa, de animação, uma vez que as pessoas andam em conjunto conversando, cantando, orando e cultuando. A Festa é bastante conhecida e frequentada.

Como parte integrante da tradição da festa do cruzeiro, todos os anos, uma banda de pife tradicional composta por quatro senhores, fazem presente para animar os fiéis. Conta-se que alguns membros da comunidade do Braga e da banda já frequentam o local mais ou menos há 30 anos, esse papel das bandas “cabaçais” nos eventos religiosos já faz parte de uma longa tradição, da cultura popular religiosa não oficial.

Assim como não há uma História imóvel, também não há uma festa imóvel. A festa na longa duração, assim como a podemos analisar através dos séculos, não é uma estrutura fixa, mas um continuum de mutações, de transições, de inclusão com uma das mãos e afastamentos com a outra. (VOUVELLE, 1991, p. 226).

Diante desta perspectiva, reconhece-se importância de perceber como as mudanças de percepção e de prática dessa festa vem mudando ao longo do tempo, percebendo que houve uma metamorfose até mesmo no lugar que essa festa ocupa na sociedade em questão. Percebendo como ela deixa de ser um espaço de devoção e religiosidade para ganhar contornos de lazer e diversão.

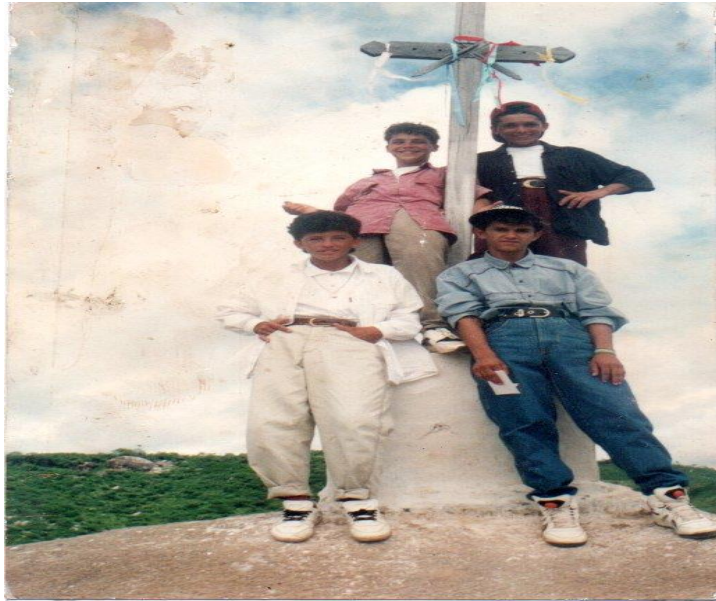


Figura 9: Participantes da Festa do Cruzeiro na década de 1980. Foto: Arquivo da Paróquia Local.

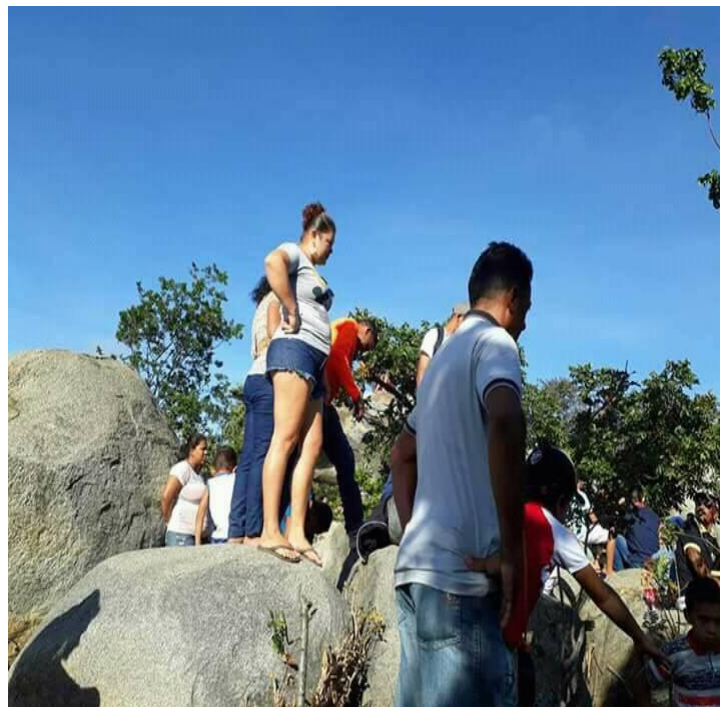


Figura 10 – Público participando de celebrações no Cruzeiro de São Francisco. Foto: Acervo de Jenifer Dantas da Costa.

Na imagem acima, visível que o público da festa é diverso e vêm se transformando ao longo dos tempos. A primeira foto é um registro da “festa do Cruzeiro” na comunidade do Braga, na década de 1980 e, a segunda fotografia, é um registro da festa nos anos 2000. Os trajés mudaram e o público em termos de faixa etária também são diferentes. A primeira foto traz um público mais jovem, adolescentes que provavelmente conheceram e participaram da festa não por iniciativa própria, mas foram apresentados por pais e familiares ou amigos.

É interessante demarcar da importância do lugar neste dia de festa para as pessoas que para lá recorrem. Assim, percebe-se que o cruzeiro na comunidade do Braga é um espaço de crenças e devoções, um reduto da fé católica e uma esperança para uma gente que muitas vezes, em tempos de dificuldades econômicas, crises políticas e sociais, só podia esperar da fé uma saída. Em contextos em que a saúde era precária e os recursos financeiros poucos, o povo se agarra a fé como possibilidade de melhorias e transformações.

Nascida da fé e da necessidade, a festa do cruzeiro na comunidade do Braga ganhou estatuto de tradição na cultura religiosa da localidade. A devoção foi ganhando fama nas conversas de terreiro, nas conversas de comadre, enfim, no chamado boca a boca”. Percebe-se aqui uma característica da tradição de fé já que “a devoção pode ser tomada como um saber que se transmite, há uma circulação de práticas e saberes que se referem a ensinar e aprender o catolicismo”. (NASCIMENTO e PAULA, 2011, p. 13). Nisso envolve transmissão e reelaboração de crenças e tradições.

Entende-se que a manutenção e ampliação da devoção ao cruzeiro e sua transformação em Festa na comunidade do Braga, como tantas outras festas católicas brasileiras, “[...] envolve uma religiosidade católica amplamente difundida e partilhada numa sociabilidade cotidiana fundamentada nos vínculos familiares e vicinais”, constituindo relações raízes firmes. (CHIANCA, 2007, p. 51). Na foto abaixo, vemos uma família que partilha os referenciais de fé, tradição e cultura.



Figura 11: Foto dos anos 1980, no Cruzeiro. Monte Horebe-PB. Foto: Arquivo da Paróquia Local.

3.2 MONTE HOREBE-PB TERRA DE DEVOÇÃO A SÃO FRANCISCO E A FESTA DO CRUZEIRO DO BRAGA: FOTOGRAFIA E HISTÓRIA

A “Festa do Cruzeiro”, na comunidade do Braga está inserida em um contexto maior de devoção pelo fato de que São Francisco, santo da Promessa de Pedro Encreto, é o padroeiro da cidade de Monte Horebe. Sendo a comunidade do Braga pertencente ao município de Monte Horebe, a influência religiosa é total. Na foto abaixo, está registrada a Igreja de São Francisco em Monte Horebe-PB, tomada de luzes e cores em dia de missa celebrada em honra ao padroeiro São Francisco de Assis. Na outra imagem, tem-se o mesmo local em um dia não festivo, dito normal, mas que, com sua arquitetura demarca esse território religioso. Ao estabelecer um comparativo percebemos como as celebrações religiosas movimentam a localidade e agregam as pessoas, em relação de interação e socialização.



Figura 12 – Festa de São Francisco de Assis na cidade de Monte Horebe- 2018 (Foto: Arquivo da Paróquia).



Figura 13 – Paróquia São Francisco de Assis da cidade de Monte Horebe. (Foto: Arquivo da Paróquia).

Diante disso, a Festa do Cruzeiro, na comunidade do Braga é importante não só para a referida comunidade, mais também para a cidade de Monte Horebe e sítios vizinhos, pois, é de certa forma um produto da fé da cidade como um todo, pois ela se constituiu da fé também da cidade e do seu entorno.

Sabendo que “[...] as festas, e tudo o que elas apresentam e representam, em nenhum tempo alcançaram unanimidade” (ABREU, 2013, p. 2) Concordando com a frase de Abreu pode-se pensar que a “Festa do Cruzeiro”, na comunidade do Braga, é múltipla em relação aos seus frequentadores, ou seja, ao público.

Ontem, assim como hoje, o público da Festa do Cruzeiro na comunidade do Braga é diverso, composto por agricultores, donas de casa, aposentados, jovens e adolescentes e outros profissionais da saúde e da educação, todavia podemos inferir que temos na atualidade devotos e festeiros, os primeiros podemos dizer que fazem parte de um grupo que para quem a festa foi a consequência da tradição, das visitas, das procissões e pagamentos de promessa diante do cruzeiro, tornando-se cada vez mais forte e com mais presença, ou seja, podem ser encontrado sujeitos que se dirigem a festa somente com fins de devoção, para pedir ou agradecer graças.

Já os segundos, que chamam de os devotos festeiros, podem até entre eles existir os que pedem e agradecem graças, mas, talvez prevaleça como motivo para frequentar o local da imagem a sua face festiva que os possibilita brincar e socializar; tem-se os jovens curiosos que participam pela primeira vez e também os visitantes que aproveitam a festa para visitar os familiares que moram na comunidade do Braga ou até mesmo os que moravam em Braga e se mudaram para outras localidades. O que não deixa de ser significativo, já que exige um deslocamento com investimentos financeiros e pessoais, o que reforça a força da tradição religiosa.

A respeito da participação do público na festa em questão, Welington Leite Cavalcanti frequentador da festa afirma:

as pessoas se comportam de diferentes maneiras, umas agem perante a sua Fé, vai pra rezar mesmo, fazendo e pagando "promessas", outros vão pela diversão. Pessoas mais idosas agem com respeito devido a devoção que tem pelo santo, já outros mais jovens ver como ponto turístico por se localizar em ponto alto da serra, onde tem bonitas imagens da natureza, vão pra ver a paisagem mesmo, as vezes até beber, se divertir. (WELINGTON LEITE CAVALCANTI).

Concorda-se com as palavras do depoente Wellington Leite, quando ele imagina que um dos motivos pode ser a questão de beleza, porque realmente o lugar tem uma vista muito bonita que chama atenção. Pode-se pensar que a festa em questão também agrega jovens alegres

com o objetivo de rezar e também se divertir, como lugar de sociabilidade as pessoas fazem usos diferentes das festas quer sejam religiosas ou festas profanas, em uma sociedade como a brasileira, formatada pela fé católica, as festas de cunho religioso predominaram por muitos séculos e foram adquirindo mudanças.

o calendário festivo dedicado aos santos é marcado por momentos alternados de devoção e diversão, com predominância circunstancial de um ou outro aspecto conforme o momento histórico e a experiência pessoal de cada ator/situação. (CHIANCA, 2007, p. 51).

Analisando esta visão, pode-se inferir que a “Festa do Cruzeiro” em Braga é constituída de fé, religião, tradição, memória, alegria e diversão. a mistura de fé e diversão não pode ser tomada como de todo negativo, ao contrário pode ser enriquecedor do ponto de vista cultural e social.

Toda a heterogeneidade de público e de sentidos que podemos ver na festa do cruzeiro precisa ser respeitada, pois, as festas religiosas “[...] mesmo reunindo em torno de si muitos adeptos e festeiros, sempre atraíram críticos, opositores, perseguidores e nostálgicos de outros tempos”. (ABREU, 2013, p. 2) Todas essas particularidades e conjunto de relações, visões e opiniões também formam e integram a festa, pois “[...] conflitos, mudanças e memórias compõem a história das festas, de todas as festas” (ABREU, 2013, p. 2), de forma dinâmica e criativa.

Muitos contornos foram ganhos, ao longo do tempo o perfil dos devotos vai se transformando já que a festa atravessa gerações e conseqüentemente diferentes temporalidades. Ao longo dos tempos, a Festa do Cruzeiro em Braga, Monte Horebe-PB ganhou transformações, no público, na quantidade de pessoas e até mesmo no tempo de rituais como procissões.

Analisando a “Festa do Cruzeiro” em Braga na categoria de festas religiosas brasileiras, pode-se afirmar que festa “[...] na longa duração, não é uma estrutura fixa, mas um continuum de mutações, de transições, de inclusões com uma das mãos e afastamentos da outra” (VOVELLE, 1991, p. 251). Por isso, não é espanto notar mudanças e transformações na Festa do Cruzeiro em Braga, Monte Horebe-PB em tempos atuais.

Nossa intenção nesse capítulo foi apresentar a festa através das fotografias, narrativa dos moradores e suas vivências, para concluir a apresentação da festa a fala de MARIA ELZA quando diz:

A gente que já frequentou lá, torce pra que não acabar a festinha, é um negócio tão importante, tão bom no meu tempo, tomara que o povo leve mais a sério

né, e é importante isso que você tá fazendo, esse trabalho falando de lá, que aí outras pessoas de mais longe vai saber que existe né, vai saber pelo menos que existe o Horebe no mapa (risos). Minha vez de andar pra lá já passou, agora é vocês que tão mais novos, o povo jovem que tem coragem, abriram uma estrada pra lá agora recente, mas mesmo assim tem que andar um bocado de pé, mas é assim mesmo, fazer penitência (risos).

Portanto, a “Festa do Cruzeiro” na Comunidade do Braga filia-se a religiosidade popular que perpassa “[...] um processo de reelaboração e ressignificação, através do qual valores religiosos e de crenças são formulados com a finalidade de atender às necessidades práticas da vida e do cotidiano social”. (SOUSA, 2011, p. 230) E, nesse meio, dá-se a criação de seus próprios altares, novenas, devoção aos santos por meio dos sujeitos sociais, pois é justamente no bojo do catolicismo popular que os moradores da Comunidade do Braga, sendo partícipes dessa religiosidade popular “[...] através de suas tradições culturais religiosas, estabeleciam relações com o mundo do invisível, o mundo do sagrado”. (SOUSA, 2011, p. 27). Sendo, sem dúvidas, uma tessitura rica e múltipla, ou seja, a experiência da devoção ao Cruzeiro e a sua transformação em festa, se coloca visivelmente dentro do campo da religiosidade popular e do que se chama catolicismo popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto no decorrer do trabalho, fica claro a dimensão e o alcance da discussão em torno de festas religiosas e da festa do cruzeiro da comunidade do Braga, assim sendo, não é intenção concluir os debates, mais sim, instigar novas discussões e reflexões sobre o assunto afim de criar discussões amplas no terreno da história local do município de Monte Horebe-PB.

A Festa do Cruzeiro na Comunidade do Braga, em Monte Horebe-PB nos remete a multiplicidade de elementos que constituem uma festa religiosa. Sendo a referida festa um mosaico que se monta a custas de fios religiosos, culturais, humanos e econômicos.

Percebe-se que a “Festa do Cruzeiro” na Comunidade do Braga, não perdeu sua essência ao longo dos anos, é engano cogitar isso. Compreende-se que a festa em análise se transforma ao longo dos tempos e esse aspecto não pode ser entendido como negativo. Uma festa suscita muitas compreensões e sentidos e é justamente essa realidade que produz a riqueza simbólica da temática.

A “Festa do Cruzeiro” na Comunidade do Braga ampliou seus sentidos e agregou novos significados para além do religioso, ganhando contornos de socialização, diversão e encontro. São múltiplos sujeitos sociais influenciando e sendo influenciado no contexto da festa. Por isso, não é interessante criar espaços estanques dentro da discussão. Por exemplo, as motivações que levam o público a participar da festa são muitas e não se manifestam de forma isolada.

Levados pela fé, pela busca de milagres, convencidos pela narrativa de familiares e amigos, atraídos pelo desejo de lazer e encontro centenas de pessoas se dirigem até o Cruzeiro de São Francisco no primeiro domingo de maio, data oficial da festa e ajudam a compor o quadro festivo da chamada Festa do Cruzeiro na comunidade do Braga, em Monte Horebe-PB.

A Festa do Cruzeiro cria e criou memórias e experiências que tecem os fios da vivência e do cotidiano dos moradores da comunidade do Braga, que são agentes históricos e partícipes dessa festividade marcante para a sociedade da referida comunidade, a exemplo de Maria Santana de Melo – dona de casa, Wellington Leite Cavalcanti – motorista, Maria Elza Melo de Sousa – dona de casa, Francisco José de Sousa – agricultor, Liliane Santos Nascimento – estudante, Jennifer Dantas da Costa – vendedora e Washington Cavalcanti de Lucena – estudante, que contribuíram com suas narrativas e/ou disponibilização de fotografias, a quem mais uma vez agradecemos.

Reverenciar à São Francisco e celebrar a partilha da vida social são os combustíveis quem mantem viva a promessa de Pedro Encreto. A “Festa do Cruzeiro” é fruto de promessa

e penitência e se mantém como elo de fé, esperança e otimismo para muitos devotos de São Francisco, ao mesmo tempo que distribui alegria e interesse para jovens, assim a festa se refaz no tempo e no espaço, como festa agrega elementos de aspectos diversos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. **Festas, patrimônio cultural e identidade negra: Rio de Janeiro, 1888-2011**. Artelogie. N° 4, 2013.
- ALBERT, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**, São Paulo: Contexto, 2008.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e memória**, v. 7, n. 1, 2007, p. 134-150. Disponível em: <http://200.145.164.4/index.php/pem/article/viewFile/147/147>. Acesso em: 9 set. 2020.
- ANNA, Márcia Sant' A festa como patrimônio cultural: problemas e dilemas da salvaguarda . Revista **Observatório Itaú Cultural** : OIC. – N. 14 (mai. 2013). – São Paulo: Itaú Cultural, 2013
- CAILLOIS, R. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 9, n. 1, 2005, p. 143-165. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860011.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.
- CAVALCANTI, Bruno César. NOVOS LUGARES DA FESTA – TRADIÇÕES E MERCADOS. Revista **Observatório Itaú Cultural** : OIC. – N. 14 (mai. 2013). – São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, n. 11, 1991, p. 173-191. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext. Acesso em: 15 ago. 2020.
- CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, v. 18, n. 2, 2007, p. 2. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3128413.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.
- COUTO, Edilece Souza. Devoções, festas e ritos: algumas considerações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/download/26618/14261>. Acesso em: 29 set. 2020.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História: Questões & Debates**, v. 43, n. 2, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/7863/5547>. Acesso em: 2 ago. 2020.

KANTOR, Iris; JANCÓS, István. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP/FAPESP/Imprensa Oficial, 2001.

MAUAD, Ana Maria. 01 Fotografia pública e cultura visual, em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2, n. 2, 2015. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/download/4056/2379>. Acesso em: 7 ago. 2020.

NASCIMENTO, Mara Regina do; DE PAULA, Durval Saturnino Cardoso. Festa e devoção em Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. **Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 9, n. 20, 2011, p. 9-31. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/download/P.2175-5841.2011v9n20p41/2455>. Acesso em: 25 set. 2020.

PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história : imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3770. Acesso em: 15 nov. 2020.

SANCHIS, P. **Arraial: festa de um povo**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SOUZA, Silvana Vieira de. **Tradição e Fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

SOUZA, Rui Bragado. A câmara obscura: a fotografia como fonte histórica. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 13, n. 145, 2013, p. 35-43. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/19582/11241>. Acesso em: 10 out. 2020

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed., 1991.

ANEXOS

ENTREVISTA 1 – MARIA ELZA MELO DE SOUSA

NATÁLIA MELO (N.M): Dona Elza, Bom dia!

MARIA ELZA (M.E): Bom dia!

N.M: Vamos dar início a entrevista sobre a festa do Cruzeiro, tá certo?

M.E: Tá certo.

N.M: Me diga seu nome e sua idade

M.E: Meu nome é Maria Elza Melo de Sousa ... e minha idade, eu nasci no dia 17 de outubro de 73.

N.M: Onde a senhora nasceu?

M.E: São Zé de Piranhas.

N.M: Sua profissão?

M.E: agricultora.

N.M: A senhora frequentou escola? Sabe ler e escrever?

M.E: minha fia, eu fiz até a 4° série, não tinha carro pra ir estudar nas cidades, fiquei só aqui no sítio mermo, aí pronto, parei! Aprendi ler um pouquim, pronto!

N.M: A senhora sabe como e porque surgiu a festa do cruzeiro?

M.E: A festa do cruzeiro ... surgiu sabe porquê? Porque nos Oitis morava um véi, um senhor que chamava o nome dele ... era ... Pedro Enecreto, aí um dia ele adoeceu ... cheio de ferida, um monte de ferida, feridas assim, “laigando” o couro mesmo, aí ele, levaram pra rua ... fizeram remédio em casa e ele não ficou bom. Aí depois dos Oitis, tem lá uma pedras muito bonitas, umas locas de pedra, assim bem bonito lá no cruzeiro, aí ele disse assim, com a mulher dele: que ia fazer uma promessa com São Francisco, se ele ficasse bom daquelas feridas, ele ia fazer uma estradinha pra lá, ia fazer uma capelinha e botar São Francisco dentro e fazer um cruzeiro, todo ano ele ia pagar essa promessa, fazer uma festa né!? Todo ano no dia 3 de maio ... ele fazia essa festa, até quando ele morreu e ainda hoje tá acontecendo. Aí ele ficou bom, minha filha, dessas feridas, aí quando foi no dia, aí ele marcou a festa pra o dia 03 de maio, todo dia 03 de

maio é essa festa lá ... aí ele ficou bom das feridas e pronto ficou fazendo essa promessa e pediu pra quando ele morrer os que ficar, os filhos, a família continuar fazendo.

N.M: E como as pessoas agem perante o cruzeiro? As outras pessoas que frequentam, como elas agem perante essa festa?

M.E: Oxente! Eles ... Como é que eles agem? Como assim?

N.M: Sim, como agem perante a festa?

M.E: Ah, eles acham bom lá! Acha muito bom lá! Óh, lá vinha um povo lá da ... dacadá da Rebeira, tocar uns tocador, aí tinha uma barracona lá de palha de coco, vem gente de todo canto, São José de Piranhas, aí traz muitos fogos e solta... vix.. eles adoram. Só não fez esse ano lá, porque aconteceu esse problema aí (pandemia covid-19), mas lá é uma festa, é todo ano mesmo, muito bom lá.

N.M: A senhora é frequentadora da festa?

M.E: Era... eu andava sempre lá, aí agora de um tempo desse pra cá eu não fui mais não, mas eu andava sempre lá, muito bom lá.

N.M: Na sua opinião qual a importância que a festa tem para a comunidade do Braga?

M.E: Ah... a importância que eles acham, é porque olhe, ele fez a promessa, ficou bom e pro povo eles acham bom isso aí, esse local pra ir rezar e agradecer por o que recebeu

N.M: A senhora acredita que essa festa ainda vai durar muito tempo?

M.E: Ah vai, o povo não deixa de ir não, todo ano vai alguém diferente, aí uns vai dizendo aos outros né!? Assim, muitos vai só pela folia mesmo, mas vai né é o que importa, quem não vai em um ano, vai no outro, e assim não se acaba nunca não.

N.M: Um ponto que lhe chama muito atenção na festa do Cruzeiro?

M.E: Um ponto que chama atenção... o que eu acho muito bacana lá é os senhorzinhos da banda cabaçal tocando, eu nem sei se eles ainda vão, mas era muito bonito, todo mundo parava pra ficar olhando, a música chega “zonias” nas serras.

N.M: As visitas no Cruzeiro são feitas apenas na data específica da comemoração ou as pessoas vão no dia a dia?

M.E Assim, é difícil, mas aqui acolá alguém vai... aquele povo dos Seixas tem costume de passar pra lá de vez em quando, o ruim é as estradas, mas vão amontados ai dar certo, porque o rapaz que tá responsável por lá, só roça o mato das veredas quando tá perto do primeiro domingo de maio pra o povo ir.

N.M Sei, a senhora tem mais alguma coisa a acrescentar que acha importante que não foi lhe perguntado?

M.E A gente que já frequentou lá, torce pra que não acabar a festinha, é um negócio tão importante, tão bom no meu tempo, tomara que o povo leve mais a sério né, e é importante isso que você tá fazendo, esse trabalho falando de lá, que aí outras pessoas de mais longe vai saber que existe né, vai saber pelo menos que existe o Horebe no mapa (risos). Minha vez de andar pra lá já passou, agora é vocês que tão mais novos, o povo jovem que tem coragem, abriram uma estrada pra lá agora recente, mas mesmo assim tem que andar um bocado de pé, mas é assim mesmo, fazer penitência (risos).

N.M Certa dona Elza, muita agradecida com suas falas, com sua disponibilidade.

M.E tá bom.

ENTREVISTA 2 – MARIA SANTANA DE MELO

NATÁLIA MELO N.M Boa tarde, a gente vai dar início a entrevista, tá certo?

MARIA SANTANA M.S tá certo!

N.M O nome da senhora e a idade?

M.S Maria Santana de Melo, 66 anos

N.M Onde a senhora nasceu dona Maria?

M.S Nasci aqui no Braga!

N.M Profissão?

M.S Trabalhar na roça, da cozinha pra roça.

N.M A senhora frequentou escola, sabe ler e escrever?

M.S Bem “pouquim” só “té” a quarta. Escrevo meu nome aperreado.

N.M A senhora sabe como e porque surgiu o cruzeiro de São Francisco?

M.S (silêncio)... quando eu nasci eu vi minha mãe falando que tinha sido um velho que tinha adoecido dum “ferideiro” da cabeça, nas “zureia” e ... não tinha remédio que curasse e o velho fez uma promessa com São Francisco, pra a pedreira mais alta que tivesse lá perto da casa dele, aí nas quebradas do sertão, fazer uma capelinha e botar São Francisco lá e fazer a festinha todo ano.

N.M Como as pessoas agem perante o cruzeiro até hoje? Como agem perante essa festa santa?

M.S No passado o povo fazia muita animação, era muito animado, muita gente ..., mas com o passar dos tempos o velho morreu, aí ficou nas mãos dos outros, dos vizinhos, aí pronto, a festinha acabou-se ... é só um enganinho.

N.M Como conheceu a festa do cruzeiro?

M.S Porque quando eu fiquei grandinha minha mãe falou e nós já estava umas mocinhas, uns rapazinhos e começamos andar pra lá.

N.M Fale mais sobre as motivações do senhor Pedro Enecreto ao criar a festa do Cruzeiro?

M.S Foi isso mesmo, umas feridas que deu nas “zureia” dele e na cabeça, tava sem sarar ... e ele fez essa promessa e ficou bom.

N.M Qual a importância que a festa tem para a comunidade do Braga?

M.S A importância é porque muita gente vai pagar sua promessinha, “sortar” um fogo e muitos vai pra beber cachaça, você sabe que o povo gosta dessas coisas, não vai nem em intenção da festa do santo, nem rezar.

N.M A senhora percebe alguma mudança na forma de realizar a festa?

M.S Percebi muito, que ela tá quase acabada! (risos)

N.M Por que?

M.S Porque nem tem gente mais pra ir, os novos se entretêm é com outras coisas, não tão mais ligando de rezar, outros ... dono lá, que cuidava da festinha não tá mais ligando, fazendo direitinho que nem o dono e tá lá nas matas lá sem ninguém ligar.

N.M A senhora já fez alguma promessa ou conhece alguém que fez e alcançou a graça e foi pagar no cruzeiro?

M.S Já, eu já vi gente dizer que ia pagar promessa, certamente foi que fez e se curou. Agora eu mesmo nunca fiz não que graças a Deus eu nunca precisou de fazer promessa não.

N.M Mas a senhora crer no poder de intercessão de São Francisco de Assis?

M.S Creio!

N.M Crê? A senhora crer que São Francisco intercede junto a Jesus Cristo, por isso as graças são alcançadas?

M.S Mais ou menos isso, como as coisas tá tudo mudada, a gente (risos) crer assim ... não 100%, porque a gente muda.

N.M Os frequentadores atuais buscam manter a tradição original da festa?

M.S Não, eles não tão mais ligando muito isso não, lá eles não tão mais fazendo como antes que o velhinho fazia não, é uma coisinha fraca.

N.M A senhora acredita que essa comemoração em torno do cruzeiro vai se assegurar por muito tempo?

M.S É ... pode ser, porque tem algumas pessoinhas que não quer abandonar, não quer deixar e frequenta sempre.

N.M O que mais lhe chama atenção na festa do cruzeiro?

M.S O que chama atenção é que quando eu ia lá, tá com muitos anos que eu fui, não pude mais ir, era porque lá a gente sobe naquelas pedreiras uma vista muito linda e aquela banda cabaçal muito bonitinha que tocava.

N.M As pessoas visitam o cruzeiro no dia-a-dia ou só na data específica?

M.S Só na data, é muito difícil eu ver uma pessoa indo lá.

N.M A senhora conhece os ex-votos? Aquelas peças de madeiras simbolizando pernas e braços feitos geralmente de madeira, que as pessoas levam como símbolo de sua cura?

M.S Ah conheço, a pessoa ficou bom e fez aquela promessa pra tirar aquela perninha, aquele braço, aquela coisa e botou lá, mas eu não entendo aquilo se... eu fico assim, não vou dizer que eu entendo muito daquilo não, o que vale é a fé, se eu fizer uma promessa e eu ficar bom, eu não preciso botar aquilo lá não, mas eles azem é porque acha que voga.

N.M Certa dona Maria, obrigada pela sua contribuição.

M.S Obrigada mulher!

ENTREVISTA 3 – WELLINGTON LEITE CAVALCANTI (REALIZADA PELO APLICATIVO DE MENSAGENS WHASTAPP DEVIDO A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS)

N.M NATÁLIA MELO Oi Wellington, daremos início a conversa nesse instante, me diz seu nome e idade

W.L WELLINGTON LEITE Wellington Leite Cavalcanti/ 28 anos

N.M Onde nasceu?

W.L São José de Piranhas

N.M Profissão sr Wellington?

W.L Motorista

N.M Wellington em relação a festa do cruzeiro da comunidade do Braga, você sabe me dizer como e porque surgiu?

W.L Pessoas mais idosas relatam que no ano de 1946 o fundador teve um sonho onde São Francisco pedia que ele criasse um altar para devoção, no local mais alto da localidade, assim o mesmo fez segundo o que São Francisco lhe pedia no sonho, ele procurou o lugar mais alto da serra, colocou a cruz, fez um altazinho e comemora essa festa até os dias de hoje.

N.M Você é frequentador da festa né isso? Como você percebe o comportamento das pessoas nesse lugar, como elas agem perante esse cruzeiro?

W.L Sim frequente, as pessoas se comportam de diferentes maneiras, umas agem perante a sua Fé, vai pra rezar mesmo, fazendo e pagando "promessas", outros vão pela diversão. Pessoas mais idosas agem com respeito devido a devoção que tem pelo santo, já outros mais jovens ver como ponto turístico por se localizar em ponto alto da serra, onde tem bonitas imagens da natureza, vão pra ver a paisagem mesmo, as vezes até beber, se divertir.

N.M Wellington quando e como você conheceu essa festa?/

W.L Através de amigos que já frequentavam a muito tempo, eu não moro no Braga, moro na cidade mesmo, aqui em Horebe, aí a gente ver muito falar todos os anos, o pessoal vai, eu fui uma vez a convite de amigos e a partir daí sempre que posso eu vou, eu gosto mesmo.

N.M Na sua opinião qual a importância que essa festa tem pra comunidade do Braga, e até mesmo pro município de Monte Horebe?

W.L Valor simbólico e cultural, reúne toda a comunidade Braga, adjacências e até mesmos de outras cidades e Estado como por exemplo do Ceará, todos se confraternizam e se divertem, e movimentam a economia da localidade. Eu acho isso importante, a festa faz com que pessoas de outros lugares conheça nossa cidade, é uma festa simples, mas o povo dá valor

N.M Um ponto que lhe chama muito atenção na festa do Cruzeiro?

W.L O respeito que algumas pessoas tem, leva a sério mesmo, vai naquele intuito de pagar as promessas e rezar, fica ali no pé do cruzeiro, no altarzinho o tempo todo, acho bonito aquele respeito.

N.M Já fez ou conhece alguém que fez alguma promessa, alcançou a graça e foi pagar no cruzeiro?

W.L Até o momento não fiz. Mas conheço pessoas que fizeram, lá no Cruzeiro mesmo, a gente ver o povo chegando descalço ou com aquelas pernas, braços feitos de madeiras, aí a gente já sabe que foi alguém que recebeu uma graça e tá ali pra agradecer e pagar a promessa, alguns soltam fogos também.

N.M Você acredita no poder de intercessão do santo católico São Francisco de Assis?

W.L Acredito sim, eu sou católico. A fé ajuda nas tribulações, nas situações angustiantes, a gente tem aquela fé e pede e é atendido.

N.M Os frequentadores atuais da festa mantêm-se iguais aos frequentadores de antigamente, praticam os mesmos rituais, o que você acha?

W.L Não. Na minha concepção a intenção de "fundar" o Cruzeiro foi se tornar um lugar religioso com respeito acima de tudo e não como um encontro pra tomar "biritas" entre amigos que é o que fazem muito hoje em dia lá, não vão mais com intenção só de rezar não.

N.M Você acredita que essa comemoração ainda se assegura por muito tempo?

W.L Sim acredito sim, pois a cada ano que passa vai ficando mais conhecida, uns vão dizendo aos outros e muita gente frequenta, como eu disse, não é todos que vão com intenção de rezar, mas que tem muito movimento tem sim.

N.M Um ponto que lhe chama muita atenção da festa do cruzeiro?

W.L A devoção de alguns e a determinação de chegar até lá (risos) vão a pé, a cavalo, param no meio do caminho pra descansar, mas o importante é chegar (risos), mas também depois de tá lá é muito lindo.

N.M Tem mais alguma coisa a dizer, algo que não foi indagado, mas que você julga importante?

W.L sim, assim todos se reúnem próximo ao ponto fixada a cruz e tem uma pequena capela, vão atrás de uma dádiva, é o que eu acho importante, apesar de já ter muito tempo que foi criado pelo homem que estava doente, o povo se lembra dele, sempre diz que ele foi um milagre, que pela medicina ele não tinha mais jeito, aí foi pela fé mesmo, fez o cruzeiro e graças a Deus até hoje tá lá pra quem quiser conhecer e visitar.

N.M Agradeço Wellington pela sua contribuição e disponibilidade

W.L Precisando viu, eu não sei muita coisa, mais eu gosto de ouvir os mais velhos, aí vejo muitos falando sobre lá.

ENTREVISTA 4 – FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA

N.M NATÁLIA MELO Seu Francisco Boa tarde, daremos início a nossa conversa, tá certo?

F.J FRANCISCO JOSÉ Boa tarde, tá bom!

N.M Qual o seu nome e idade?

F.J 75 anos, meu nome Francisco José de Sousa

N.M Onde o senhor nasceu?

F.J Eu nasci no sítio Pinga

N.M Sua profissão, seu Francisco?

F.J Agricultor, sempre fui

N.M O senhor frequentou escola, sabe ler e escrever

F.J Não, eu frequentei quando eu era pequeno, mas depois eu desisti, eu peguei a lutar com gado, trabalhando na roça , me envolvi com aquilo aí pronto, hoje eu fui ficando velho ... aí eu digo não dar mais pra eu ir pra escola não, aí fui não.

N.M Em relação ao cruzeiro, o Senhor sabe como e porque surgiu o cruzeiro de São Francisco?

F.J Sei sim, eu digo?

N.M Sim, fique à vontade!

F.J Era um senhor chamado Pedro Encreto, aí ele sofreu um ataque de ferida nele, aí tomava remédio e fazia era aumentar, aí ele se valeu de São Francisco não sabe, ele se valeu de São Francisco, se Deus ajudasse e São Francisco que ele “miorasse” ele ia fazer um cruzeiro numa pedreira bem alta e assim mesmo ele fez, que lá é muito alto mesmo, quase a mais alta daqui do sítio Braga, aí ele fez, aí ficou fazendo a festinha no mês de maio, aí era uma festinha boa, boa, juntava muita gente, tinha aquela banda cabaçá – aí também tinha... de tudo tinha, comida lá pro povo, tinha água, aí tinha mais, no tempo que o poeta João Amaro era vivo, ele vinha mais um colega dele, cantava umas coisas oferecida a São Francisco mais o povo, umas canção, aí era uma coisa tão animada, tão bonita – aí juntava uma coisa com a outra aí era que aumentava, que o povo gostava, pois é.

N.M Sei, como o pessoal que frequenta se comporta nessa festa, perante ao cruzeiro?

F.J O povo é o seguinte, uma parte vai rezar, outra parte ia “sortar” fogo, aí ficava aquela alegria todinha.

N.M Hum rum, o senhor foi frequentador da festa por muito tempo ou ainda frequenta?

F.J Ah, eu comecei andar pra lá era rapaz novo, aí comecei a andar e peguei a gostar aí eu não perdi mais um ano, um bocadão de ano eu tava andando, porque era bom viu, era muita gente, a gente se topava com os amigos, conversava e era bom demais.

N.M Entendi, aí na opinião do senhor qual a importância que a história do cruzeiro e até mesmo o lugar tem para a comunidade do Braga?

F.J bom, era importante porque a gente ia com muita fé em São Francisco e passava o dia lá em paz e todo mundo gostava, todo mundo queria ir pra festa de São Francisco e era boa, a festa era boa... agora hoje num tá mais que nem era não, que o velho Pedro Encreto morreu, aí ficou pelas mãos dos outros e foi indo, foi indo.. e ainda tem a festinha, mas não é como era não

N.M Certo, quais são as principais mudanças que o senhor percebe que teve na festa de antes para agora

F.J Mudou muito né, no tempo dele (Pedro Encreto) quando era 2 da manhã, aí começava o festejo de fogo e o povo passando e era aquela alegria maior do mundo, aí todo mundo dizia – Ei, vamos pro cruzeiro, vamos cruzeiro, bora, aí saía aquela enfileira de gente, aí nesse tempo, as motos era mais pouca, aí o povo ia quase tudo de pé e a cavalo, mas chegava lá.

N.M O senhor já fez alguma promessa ou conhece alguém que fez e alcançou a graça e foi pagar no cruzeiro?

F.J Não, eu nunca fiz não, que graças a Deus eu não precisei, aí por isso eu agradeço a Deus, mas eu andava lá e via aquele povo que fazia promessa, aquelas coisa sabe, o “caba” via perna, mão, cabeça, tudo a gente via lá né, aí por certo que aquele povo fizeram a promessa e Deus ajudou com São Francisco e ficaram bom né!?

N.M O senhor acredita no poder de intercessão de São Francisco?

F.J Eu acredito demais, tem muita fé em São Francisco e agradeço muito (silêncio) e fui as festas, as que eu podia eu ia.

N.M O Senhor acredita que essa festa vai se assegurar por muito tempo?

F.J Eu não sei né, mas eu acho que não, que hoje tá tão diferente, o povo vai bem pouquinho a vista de antigamente, vai de manhãzinha, quando é 9h já tão tudo em casa, já deixa lá quase sem gente, não é que nem antigamente, que começava cedo, começava de madrugada chegar gente e passava o dia todinho lá, quando era de 4h pra 5h era que aquele povo tava voltando, mas passava o dia todinho, era bom demais.

N.M Então o senhor acredita que a originalidade da festa se perdeu ná, se perdeu no tempo?

F.J Foi, se perdeu no tempo, o povo não faz mais o que é pra fazer não.

N.M O que lhe chama mais atenção quando se trata da festa do cruzeiro?

F.J É que eu gostava mesmo né, eu era novinho e ia pra lá, eu mesmo ia bem cedo, antes de 7h eu já tava era chegando lá e só saía de lá quando... lá pra 5h, eu gostava.

N.M Lá é um local de muita pedreira, um local perigoso, mas nunca aconteceu nada?

F.J É perigoso, nunca, nunca, nunca aconteceu nada, acho que é as graças de Deus e São Francisco, a pessoa que ia pra lá visitar, soltar fogos, alguma coisa... ai graças a Deus nunca houve nada, agora é muito acidentado, tem umas pedras muito altas, tinha uns pedregulhos danado, se Deus o livre escapulisse uma pessoa, também não escapava, que era muito alto, embaixo era fundo, mas graças a Deus e São Francisco nunca aconteceu nada lá, nunca, nunca, nunca – isso quer dizer que é as graças de São Francisco e Deus né que protege!?

N.M Certo, seu Francisco, muito obrigada pela disponibilidade, pela conversa

F.J De nada, tá bom, quando precisar....